

Dom e docência nas histórias de vida de professores e professoras aposentadas de História

BRUNA DA SILVA CARDOSO*

INTRODUÇÃO

Pretendemos nesta pesquisa entender a relação entre Dom e Docência nas histórias de Vida dos professores e professoras aposentados de História. Entendemos que é preciso dar voz aos docentes para que nos relatem sobre suas experiências. Decidimos por analisar o discurso do dom relacionado a docência porque como podemos observar em Damo (2008), o dom é um termo cercado de problemas. E também que a ideia de dom é utilizada com mais frequência no meio futebolístico, onde as redes de relações dos jogadores os tratam em sua maioria como predestinados, privilegiados.

A partir disso buscamos mostrar através dos discursos os significados que os professores atribuem a profissão e questionar o lugar que o dom ocupa nos discursos sobre a docência. Para isso vamos utilizar as ideias de dom como dádiva de Marcel Mauss (2003) e de Bourdieu e Passeron (2009) de que o dom é uma construção social.

A metodologia que nos serve nesta pesquisa é a História Oral de Vida. As fontes são as entrevistas com os professores e professoras aposentados de História. Para nos auxiliar no entendimento sobre História Oral estamos utilizando Paul Thompson (1992) que nos aponta muitos caminhos, nos informando como se comportar diante do entrevistado, como realizar as entrevistas, como transcrevê-las, ressaltando a importância que a história oral tem ao dar voz aos sujeitos para que possam falar sobre suas experiências de vida. Para o autor o uso da fonte oral contribui para se escrever a história dos “menos privilegiados”, dos “excluídos”. Contribuindo dessa forma para mudar o foco de pesquisa da própria história.

*Acadêmica do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Tocantins.

Bolsista de Iniciação Científica do Curso de Licenciatura Plena em História.

E-mail: bruninhahistoria2011@uft.edu.br ou nhabrun Cardoso@hotmail.com

*Professor Doutor do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Tocantins.

E-mail: dernivaljunior@gmail.com

Segundo Josso (2007) as experiências dos professores nos permite perceber que as transformações ocorreram em suas vidas, observando o contexto em que elas aconteceram, porque aconteceram e como afetaram suas vidas. Como significam suas trajetórias a partir de suas crenças e valores. Nesta pesquisa buscamos mostrar que é possível usar as entrevistas de história vida como fonte de pesquisa sem ter que utilizar documentos escritos para comprovar o que os depoimentos estão dizendo. Pollak (1992) destaca a importância das fontes orais, onde “... não há diferença... entre fonte escrita e fonte oral. a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita” (POLLAK, 1992. p.8).

Para Pollak (1989) a memória está em constante disputa, e que isso ocasiona o silêncio de alguns sujeitos, o que pode resultar no esquecimento dos fatos. É preciso então resgatar essas memórias, recolher os depoimentos das pessoas, buscando conhecer suas histórias de vida. Através da metodologia da História Oral podemos resgatar as memórias dos professores e professoras aposentados, observando nos seus relatos como eles querem ser lembrados.

De acordo com Sônia Maria de Sousa (2004) a partir da década de 1960 o antigo norte de Goiás (atual Tocantins) passa por um intenso processo de transformação com a construção da Belém-Brasília que visava ligar o centro à região norte do país. Com a construção da rodovia, “Cidades como Araguaína que em 1960 aparece como sendo a principal da rede norte, já existia antes da rodovia. Mas é a partir da abertura dessa estrada que... ganha um impulso considerável” (SOUSA, 2004 p. 387). É justamente nesse período de 1970, 1980 que as professoras entrevistadas chegaram à região nos mostrando que a maioria dos professores que chegaram para trabalhar nesse período são docentes oriundos de outros estados do país como, por exemplo, dos estados do Piauí e de Minas Gerais.

Para analisar as entrevistas vamos utilizar os seguintes autores: Mauss (2003) que nos mostra que o dom como dádiva, como algo sagrado, que nasce com o indivíduo; Bourdieu e Passeron (2009) que nos mostra que o dom serve para naturalizar as desigualdades sociais; Clifford Geertz (1989), para ele a cultura é um código estabelecido socialmente e ela orienta a ação; Shalins (1990) que a cultura orienta a prática, mas a prática também pode resignificar a cultura.

Será que nas narrativas dos professores entrevistadas o dom como dádiva aparece? A primeira entrevista a ser analisada é a da professora Maria Cecília de Carvalho Lima, natural do estado do Piauí. Começou a trabalhar ainda criança para ajudar a família. Como ela mesma relata, “... eu acho que naquela época eu trabalhei muito... então eu ajudei a cuidar dos outros irmãos... pisar arroz, buscar água na cabeça, buscar lenha... vendia verdura...” (trecho da entrevista oral realizada no dia 20 de Janeiro de 2012).

Maria Cecília nos fala que, “... pra ser mestre, fazer com amor... tem que ser dom... porque na realidade eu nunca pensei de ser professora, só que eu aprendi a gostar e procurei fazer da melhor forma possível...” (trecho da entrevista realizada no dia 22 de Maio de 2012). Segundo Mauss (2003) ao falar sobre a dádiva, percebemos que quando ela afirma que é preciso ter dom, ela já o conecta diretamente à dedicação e ao fazer bem feito. Ela descreve o amor pela profissão e esse amor é visto como essencial. Não se pode ser um bom professor sem amor pela docência.

A outra professora entrevistada foi Telma Maria Tormin Guimarães, natural de Minas Gerais. Ela vai pra sala de aula já com formação superior. Ressalta a importância da formação, “você não pode e nem deve entrar num sala de aula sem ter preparação antes... só enrolar não dá certo...” (trecho da entrevista realizada no dia 22 de Maio de 2012).

O papel do professor é se dedicar, ser responsável, mas dentro das atividades a serem realizadas, pois o professor possui uma vida externa a escola e não deve dedicar toda a sua vida para a escola, tanto que quando se aposenta não pensa de nenhuma maneira em voltar em voltar dar aula, tava cansada, tinha que tirar um tempo pra ela, pra se dedicar a sua vida,

“... num queria mais... pra que você ir pra um lugar que não tá se sentindo bem mais?... quando você começa a perder paciência... melhor coisa que tem que fazer é deixar... pra que dar uma péssima aula ou enrolar... quando você já não quer mais aquilo, você tem que deixar porque você cansa...” (trecho da entrevista realizada no dia 22 de Maio de 2012).

A outra história de vida a ser analisada é a da professora aposentada Amancia Gomes de Abreu, do estado do Maranhão. Chega ao antigo norte goiano ainda criança. Desde cedo ela já começa a dar aula em Cristalândia até chegar a Xambioá. Ela nos

relata que realmente gostava de dar aula: “... eu achava bonito, chegar naquela sala aquele horror de aluno lá e a gente lá na frente, explicando tudo pra eles, eu gostava...” (trecho da entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2012).

Dona Amancia está a todo o momento enfatizando o quanto é apaixonada pela profissão, “eu gostava de dar aula, eu fazia era gostar. Eu ia pra aula com febre, eu ia pra aula doente... saía por último” (trecho da entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2012). Diz-nos que para ser um bom professor é necessário “ter boa vontade, amizade no trabalho... ser muito pontual... ter responsabilidade na sala de aula... tem que ter amor pelo que faz...” (trecho da entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2012).

Amancia relata que o professor deve se preocupar com o aluno, pois é por causa dele que o professor existe.

“... quando o aluno não vai pra sala de aula, ele perde a aula, a gente fica preocupado, no dia que ele não vai a gente tem que ir na casa dos pais pra saber o que aconteceu... o verdadeiro professor vai atrás do aluno, se preocupa com o aluno, saber se é doença, o que que foi, o que aconteceu em casa... quando ele abraça a profissão ele já tem que ir sabendo que vai acontecer... a carga que pesa muito, tem que deixar um pouco a casa e cuidar do magistério” (trecho da entrevista realizada no dia 19 de Outubro de 2012).

De acordo com Dona Amancia só é professor quem “nasceu pra fazer aquilo, ele tem aquele dom, ele tem o dom, ele tem o dom de ser professor” (trecho da entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2012). A partir das falas da professora aposentada podemos afirmar baseado na ideia de dádiva de Marcel Mauss que no discurso de Dona Amancia existe o dom ligado à docência, ela acredita no dom, tanto que sua prática na sala de aula exemplifica tudo, como dar aula doente, se preocupar com os alunos.

Um fator interessante aparece no discurso das três professoras, que é a referência a Ditadura Militar que segundo Soares, Santos e Silva (2011) têm início em 1964. Houve uma reformulação na educação brasileira. Para efetuar o controle dentro das escolas ocorreu “... uma hierarquização dos mecanismos administrativos que geriam o ambiente educacional” (SOARES, SANTOS E SILVA 2011. p.109). De acordo com os autores com essa nova situação os professores ficaram

“... subordinados e constantemente vigiados por supervisores e orientadores pedagógicos, além de reprimir a sua formação estabelecendo planos não autônomos e restringindo o conteúdo das aulas e dos livros didáticos. Havia um cerceamento dos conteúdos geridos em aula” (SOARES, SANTOS E SILVA 2011. p.109).

O que também está presente no discurso da professora Amancia, que nos conta que havia mesmo uma supervisão no trabalho docente, desde a elaboração do plano de aula até a presença dentro da própria sala.

“Eles tomaram de conta, nós ficava sendo uns empregadinhos deles... “Eu fazia meu plano de aula... vai fazer esse aqui...a senhora vai dar aula por este plano bem aqui... eu sofri, foi horrível naquele tempo... eles mandavam nós fazer, nós fazia... os professores ficaram tudo com o rabo entre as pernas, obedecendo tudim, não podia dizer nada, nada, nada...” (trecho da entrevista realizada no dia 19 de Outubro de 2012).

As professoras também nos falam sobre a questão do canto do hino nacional que passa a ser obrigatório nas escolas a partir de 1971 com a criação das disciplinas de Moral e Cívica.

De acordo com Dona Amancia a colocaram pra cantar o hino e os alunos tinham que cantar também “dentro da sala e lá fora tinha que cantar todo mundo junto. E na sala cantar também, quando entrava todo mundo em pé e ninguém dava um pio, todo mundo tinha medo deles... cantar o hino nacional para começar a aula”. A professora Maria Cecília também presenciou essa situação como nos mostra “era obrigatório o hino nacional, inclusive a gente tinha aula de canto para aprender o hino”. E Telma Maria reafirma que era obrigatório cantar o hino nacional “... todo mundo em fila cantava o hino nacional, uma vez por semana tinha a hora cívica e na sala de aula existia a matéria, tinha disciplina educação moral e cívica” (trecho da entrevista realizada no dia 22 de Maio de 2012).

Maria Cecília estudou em um contexto de Ditadura militar, onde segundo ela “o aluno não podia falar, era só o professor que falava e o aluno só ouvia” (trecho da entrevista realizada no dia 22 de Maio de 2012). Telma Maria se define uma professora muito rígida que exigia respeito em sala de aula. A rigidez expressa por ela pode ser explicada pelo fato de que também estudou no período da Ditadura militar. O ensino naquela época segundo ela “... era muito rígido, existia um respeito muito grande pelo professor... a gente não tinha essas liberdades que existe hoje, até no modo de vestir as roupas eram muito comportadas, então foi uma educação muito rígida...” (trecho da entrevista realizada no dia 22 de Maio de 2012).

Podemos afirmar segundo Clifford Geertz (1989) que a cultura sendo um código estabelecido as experiências das professoras são diretamente ligadas as suas concepções sobre a docência. Mas que também de acordo com Shalins (1990) tanto a cultura orienta a prática como a prática pode resignificar a cultura. Podemos afirmar então que antes de lecionarem as entrevistadas veem a profissão como uma forma de ajudar o próximo, mas com a prática em sala de aula cada uma delas forma a sua concepção de ser professor: Maria Cecília vê a profissão como responsável por formar pessoas, Telma Maria vê a docência como um trabalho que com a prática é melhorado a cada dia e o professor não deve dedicar toda a sua vida a escola, ele também tem uma família e uma casa pra cuidar, e por fim, dona Amancia mesmo com a prática continua pensando a docência como uma forma de ajudar o próximo, como uma missão que você não deve fugir e que sempre tem que buscar melhorar para que os alunos não sejam prejudicados.

Silva (2011) ao nos falar sobre o significado da formação e sobre a profissionalização da docência nos leva a alguns questionamentos: Será que podemos afirmar que as professoras entrevistadas só se tornaram professoras quando fizeram o curso superior? Será que sua prática em sala de aula já não as tornavam profissionais?

Através dos relatos podemos afirmar que as professoras entendiam que eram ótimas profissionais. Que ter dedicação, responsabilidade e amor pelo que faziam eram o essencial pra ser uma boa professora. Não se pode dessa forma afirmar que só se tornaram profissionais quando fizeram o curso superior, ou que a professora Telma teve uma atuação melhor do que as demais só porque fez o curso superior antes de começar a dar aula. O fato é que cada uma delas tem uma concepção do que seja ser professora e sua ideia de profissão não está ligada a ter ou não ter formação.

Enquanto Mauss (2003) nos mostra que o dom como dádiva é algo sagrado, que nasce com o indivíduo, Bourdieu e Passeron (2009) mostra que o dom serve para naturalizar as desigualdades sociais, inculcando na mente das classes menos favorecidas a aptidão para profissões de pouca remuneração no mercado, como, por exemplo, o professor. O discurso do dom tende a reproduzir essa ideia, impedindo que os sujeitos dessas classes cheguem a profissões, como médicos e engenheiros que são valorizadas pelo mercado.

A partir das leituras feitas até agora e das entrevistas realizadas, podemos destacar que o pressuposto que iniciamos a pesquisa, o qual era que o discurso do dom existe se confirmou. As professoras nos mostram através de suas experiências em sala de aula que pra ser um bom professor é preciso ter dedicação, paixão e muita força de vontade para enfrentar as dificuldades que aparecem no caminho. Com isso podemos afirmar que o dom está presente seja direta ou indiretamente no discurso das professoras. Ao demonstrarem o seu amor incondicional pela profissão e mostrarem que não se veem fazendo outra coisa.

Na pesquisa partimos do pressuposto que o dom existe, e encontramos o dom, a partir de Bourdieu e Passeron (2009) podemos desconstruir o discurso do dom. Para os autores o dom é uma ideologia que contribui para a manutenção das desigualdades sociais, então nos questionamos, se a escolha ocorreu por causa do dom será que se elas não quisessem ser professoras, elas teriam outra escolha no contexto em que viviam e com as condições socioeconômicas em que se encontravam? Segundo os autores não, pois a oportunidade que tinham era de se tornar professoras, pois não tinham condições de fazer outro curso, pois o lugar onde moravam não ofereciam outras opções.

O dom naturaliza as desigualdades porque tenta passar a ideia de dádiva divina para justificar algo que na verdade ocorre por falta de oportunidade. São ideologias que são elaboradas com o objetivo de justificar as práticas sociais de acordo com os interesses das classes dominantes. Essas ideologias vão negar os problemas sociais que ocorrem dentro dos grupos ou classes dominadas, pois não é interessante que os problemas venham à tona, o discurso deve existir e ser reproduzido para naturalizar as desigualdades sociais e o dom seja utilizado como justificativa de escolha profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. 2ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DAMO, Arlei Sander. Dom, Amor e Dinheiro no Futebol do Espetáculo. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Porto Alegre. Vol. 23, 2008. p. 139-209.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

JOSSO, Marie-Christine. “A transformação de si a partir da narração de histórias de vida”. In: *Educação*. Porto Alegre. Ano XXX, n. 3, set/dez. 2007, p. 413-438.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva- forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e antropologia*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p.183-315.

POLLAK, Michel. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. V.2, n. 3, 1989. p. 3-15.

POLLAK, Michel. Memória e identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992. p. 200-212.

SILVA, Norma Lúcia da. Profissionalização dos professores de História no antigo norte de Goiás: entre a formalização e a realidade da docência. In: *Institucionalização do Ensino Superior de História e profissionalização Docente no Interior do Brasil- Araguaína, To (1985-2002)*. Rio de Janeiro: Ufrj/Ifcs, 2011. p. 133-168.

SOARES, Luana da Silva. SANTOS, Maurício Dias. SILVA, Norma Lúcia da. A formação do professor de História durante a ditadura militar no Brasil. In: SILVA, Norma Lúcia da, ALMEIDA, Vasni de. (orgs.). *Ensino e formação de professores*. Palmas-To: Nagô Editora, 2011. p. 107-114.

SOUZA, Sônia Maria de. Belém-Brasília: abrindo fronteiras no Norte Goiano (atual Tocantins)-1978-1975. In: GIRALDIN, Odair. *A (trans) formação histórica do estado do Tocantins*. 2ªed. Goiânia: ed. UFG, 2004. p. 351-394.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

7-Fontes Primárias

As fontes que estão sendo utilizadas na pesquisa são exclusivamente fontes orais. Histórias de Vida de professores e professoras aposentados de História que são relatos orais obtidos por meio da realização de entrevistas.

Entrevista realizada no dia 20 de Janeiro de 2012 com a professora aposentada de História Maria Cecília de Carvalho Lima, na Rua São Salvador, nº 375, Setor Oeste, na cidade de Araguaína-To.

Entrevista realizada no dia 22 de maio de 2012 com a professora aposentada de História Telma Maria Tormin Guimarães na Rua 13 de Maio, nº1770, Centro, na cidade de Araguaína-To.

Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2012 com a professora aposentada de História Amancia Gomes de Abreu, na Rua 2 de Julho, nº663, no Bairro São João, na cidade de Araguaína.